

RAMOS-ZAYAS, Ana Yolanda. 2020. *Parenting Empires: class, whiteness, and the moral economy of privilege in Latin America*. Durham London: Duke University Press. 296p.

LUANA CARLA MARTINS CAMPOS AKINRULI 
Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte, MG, Brasil
luanacampos@insod.org

SAMUEL AYOBAMI AKINRULI 
Universidade Federal de Minas Gerais | Belo Horizonte, MG, Brasil
ayobami@insod.org

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v30i2pe191993

O mais recente livro da antropóloga Ana Yolanda Ramos-Zayas tem como questão central a problematização a respeito das práticas parentais das classes altas brasileiras e porto-riquenhas que protagonizam um conjunto de ações coetâneas e cadenciadas influenciadas pelos ditames do império norte-americano para as Américas. Assim, sob o prisma da autora, são tecidas relações específicas e mesmo alterações entre os sujeitos e as paisagens urbanas, além de serem fornecidas justificativas para a segregação, vigilância e intervenções estrangeiras, o que é consubstanciado por uma economia moral baseada na crise, corrupção e políticas de austeridade.

Trata-se de um estudo etnográfico que explora a criação e significação do privilégio racial e de classe como marcadores da estratificação nas sociedades retratadas que são manejados por meio tanto das escolhas que as elites locais fazem quanto pelas crenças e valores que sustentam seu pensamento. Tendo enfoque nas práticas parentais das elites urbanas latino-americanas, a antropóloga dedica sua análise às experiências cotidianas de branquitude, privilégio, desigualdade e justiça social, que contribuem no reforço de específicas concepções que incluem a nacionalidade e soberania a partir do sul global.

Ana Yolanda Ramos-Zayas que é bacharel em Economia e Estudos Latino-Americanos, com mestrado e doutorado em Antropologia, é atualmente professora no Departamento de Estudos Americanos e Antropologia da Universidade de Yale (EUA). É autora de outros dois livros: *National Performances* (2003) premiado pela ASA Latino Studies Book Award (2006) e o *Street Therapists* (2012) que recebeu premiação pela Frank Bonilla Book Award (2012). A produção etnográfica da antropóloga tem o intuito de investigar os diversos sistemas de poder e de privilégio em uma variedade de escalas que têm como ponto nodal a política imperialista dos EUA explicitada, por exemplo, pelos discursos



e191993

<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v30i2pe191993>

da supremacia branca, indo se desenrolar na crítica das relações de sociabilidade dos indivíduos e comunidades marginalizados que dão sentido às estas formas cotidianas de poder e subordinação.

Sua última obra e objeto de análise nesta resenha, *Parenting Empires* (2020) é resultado da observação, registro e narrativa desenvolvidas entre os anos de 2012 e 2017. As situações ali apresentadas poderiam ser consideradas, em um primeiro momento, como banais, frívolas e rotineiras, se não fossem analisadas pelas lentes interpretativas e diacríticas da etnografia na abordagem da relação entre as experiências de mundo latino-americanas – complexas e desiguais – tomadas através das diferentes maneiras de se promover a criação dos filhos das elites, que formulam hierarquias de raça e de classe em duas sociedades que a autora considera estarem posicionadas à sombra do império dos EUA.

Observa-se que, em um primeiro momento, o recorte espacial desta obra se assenta na concepção de uma sociedade de classes, ou seja, nas elites urbanas no Brasil e em Porto Rico, notoriamente com pesquisa etnográfica realizada nos bairros de Ipanema, no Rio de Janeiro (Brasil), e em El Condado em San Juan (Porto Rico). Todavia, o debate estabelecido ao longo do livro convida os leitores a uma interpretação mais profunda sobre a estratificação social existente na América Latina em suas “veias abertas”, como disse Eduardo Galeano (1971). As balizas dessa estratificação se estabelecem por meio de outros crivos, como na relação racial, de gênero, sexual e mesmo religiosa; pelos códigos morais, subjetividades, aspirações e relações parentais que acabam por instaurar um diálogo entre as múltiplas identidades e suas interseccionalidades nestes territórios abarcados pela autora.

Em sua obra, Ramos-Zayas mostra que para os membros da classe alta residentes nos bairros afluentes de Ipanema e El Condado, a relação parental é particularmente eficaz no fornecimento da base de uma economia moral para os projetos neoliberais que tem o interesse de desmobilizar, prejudicar e inferiorizar a massa de pobres e pretos que cuidam de seus filhos. Os ricos, tanto de Ipanema quanto de El Condado, parecem cultivar um cosmopolitismo liberal vivendo em bairros multiculturais e praticando religiosidades porosas à defesa dos privilégios brancos.

Definindo esta economia moral do privilégio como um “império parental”, a antropóloga lança luz sobre como a forma da criação de filhos permite que as elites urbanas destes contextos sustentem e lucrem com o tensionamento e aprofundamento das hierarquias sociais e raciais. Isto, porque o estilo de vida das elites é permissivo à uma subjetividade neoliberal que legitima as desigualdades sociais por meio de enormes disparidades. Estas, por sua vez, são expressas de múltiplas maneiras no cotidiano e concede explicações, inclusive, sobre como as elites legitimam seu privilégio racial por meio de suas próprias riquezas. Assim, a economia moral da austeridade revelou-se uma importante forma de subjetividade neoliberal em termos do que as classes altas acreditam sobre a justiça social e reparação de direitos.

Estruturalmente, o livro possui sete capítulos que mesclam as discussões entre os locais etnografados e comparados. O primeiro capítulo se dedica à discussão da economia moral do privilégio como categoria conceitual e interpretada a partir da pesquisa nos dois territórios, demarcando alguns olhares específicos para cada um destes contextos. O segundo

capítulo é dedicado à Ipanema, na perspectiva de interpretação da estrutura social e das percepções dos sentimentos e emoções no Rio de Janeiro, enquanto o terceiro capítulo caminha nesta seara em ralação a El Condado em San Juan. Os quatro capítulos que seguem trazem as percepções comparativas que conformam campos conceituais desdobrados ao longo da obra, notoriamente no que diz respeito à branquitude (capítulo 4); educação formal e não-formal (capítulo 5); família e relações de apadrinhamento (capítulo 6); trabalho e trabalhadores domésticos das elites (capítulo 7).

Assim, ao transitar pelas intimidades, afetos e práticas relacionadas à criação dos filhos das elites urbanas, Ramos-Zayas compõe nesta ambiência as relações interpessoais em seus contextos políticos e discursivos nacionais e internacionais, que implicam, de maneira mais ampla, em uma estratégia de governabilidade de promoção do apreço dos subalternizados – aqui incluída a elite local que ganha destaque na obra – às semelhanças ao núcleo imperial – este notoriamente vinculado aos EUA. Tais relações promovem, na interpretação da autora, o fomento à cultura da estratificação social com destaque para as ações, imaginários e retóricas relacionadas à branquitude.

A obra releva um panorama sobre as raízes e intensidades possíveis do discurso das identidades brancas nos contextos estudados, que conformam uma economia moral de privilégios para determinados grupos. A branquitude, neste caso, é abordada como um modo de percepção de si mesmo e dos outros e que é incorporada e praticada em múltiplas performances de afirmação da sua superioridade sobre outros grupos, conformando-se assim como um fenômeno de expressão e funcionamento da sociedade a partir da segregação. Esta conduta é reforçada pelas elites, de modo a sinalizar determinadas posturas como representativas da dimensão da experiência subjetiva do poder e que devem ser não somente mantidas, como ensinadas às futuras gerações.

Nesta seara, os debates empreendidos em *Parenting Empires* caminham para sua principal construção conceitual, a saber, a de “impérios parentais” ou talvez de “parentalidade soberana” que são destacados já no título do livro. Para Ramos-Zayas, a obra conduz para a conformação de sua premissa da existência de uma ética moral dos ricos que é articulada por um conjunto de práticas de parentalidade, relações e ideologias que destacam as preocupações com a (in)segurança, a legitimação do policiamento e da vigilância do bairro, o favorecimento de uma linguagem informativa-terapêutica de bem-estar e saúde nas interações diárias que se dizem em nome das crianças.

As formas de sociabilidade ligadas à parentalidade estabelecidas sincronicamente nos bairros do Ipanema e El Condado refletem, para a autora, as crises políticas – percebidas ou reais – da década de 2010. Engendram-se então projetos de austeridade impostos pelas elites políticas, com novas relações de trabalho que se manifestam em nebulosos limites entre trabalho e casa, novas relações afetivas e desigualdades sociais, exemplificados pela relação entre babás e empregados domésticos, filhos e família. As ambiguidades nessas relações se manifestam não somente no âmbito profissional, como também no envolvimento afetivo e íntimo com seus empregadores. Pelas relações de dependência e mesmo de apadrinhamento, os trabalhadores se conformam como representantes das perspectivas de raça, migração, educação e classe defendidos por seus patrões que são, também, transmitidos aos filhos.

Neste sentido, a autora lança luz sobre como a linguagem e o meio de expressão racista transformavam as perspectivas dos pais sobre as relações sociais com os subordinados, particularmente aqueles que interagem com os seus filhos, enquanto as formas internalizadas e institucionais de racismo eram reproduzidas. Assim, tornam-se agentes do império, ou seja, atuam na manutenção e reprodução deste contexto de extremas desigualdades, até mesmo aqueles indivíduos considerados socialmente como progressistas, liberais, reflexivos, educados e avessos ao consumismo e ao materialismo.

A antropóloga sugere haver, portanto, uma peculiaridade da economia moral que acabou se tornando um de seus focos na obra e que está associado a dois projetos imperialistas norte-americano de grande impacto nas Américas no século XXI: um deles associado à “guerra contra a corrupção” (que Ramos-Zayas aproxima com a “guerra contra as drogas” nos EUA), e outro à implementação de projetos de austeridade. O primeiro é um discurso de elite atribuindo a culpa do empobrecimento geral da sociedade à corrupção; enquanto o segundo se apresenta como uma solução para as desigualdades por meio da eliminação de direitos – perversamente entendidos a partir do prisma de uma relação de dependência da população pobre ao Estado e, portanto, de uma regulamentação extrema que sufocaria a liberdade de abertura de novos negócios.

Esses ditames imperiais, como nomeados pela autora, exigiam soluções austeras para a resolução da crise por meio das privatizações de empresas e serviços estatais, corte e reestruturação de direitos trabalhistas, profundas reformas administrativas, destruição dos programas sociais e abertura irrestrita ao capital estrangeiro, o que permite, ainda, a execução *pari passu* do disciplinamento dos pobres pela elite. No cotidiano, tais perspectivas se modelam em subjetividades de austeridade, uma moeda de interioridade que serve de marcador social das elites em relação às massas e que demarca uma economia moral do grupo pesquisado expondo as idiosincrasias dos sujeitos em seu tempo.

Assim, corrobora-se o pensamento das elites sobre si e em sua identificação como “pessoas de bem” cujas estratégias parentais voltadas para as crianças devem fazê-las se diferenciarem das outras e, portanto, das camadas consideradas socialmente inferiores, de modo a também conduzir para uma socialização “correta” e as inserirem em uma trajetória de restauração da nação. A violência e crueldade destas ações se insere, inclusive, na perspectiva de que apenas os filhos das elites seriam os únicos consideráveis em sua existência a terem acesso a uma rede de cuidados e de direitos fundamentais.

Os gostos e aspirações neste contexto, portanto, estão modelados à semelhança do “centro”, ou seja, os EUA, padrão de consumo, de ensino, de comportamento, de ideias de liberdade e democracia. E, assim, excetuam-se às referências locais dos territórios, notoriamente à realidade da origem migratória dos trabalhadores domésticos das elites de Ipanema e de El Condado, respectivamente vindos do nordeste brasileiro e da República Dominicana, e que majoritariamente eram mulheres pretas. Ramos-Zayas identifica esta dinâmica integrada a uma cadeia global de cuidados, posto que se trata de trabalhadores advindos de regiões geopolíticas mais pobres e que cuidam de crianças, idosos e famílias em áreas mais ricas. Em geral, eram mulheres-trabalhadoras chefes de família, sendo responsáveis pelo sustento dos próprios filhos que elas deixavam sob os cuidados de

parentes, notoriamente do sexo feminino, em suas regiões de origem. Portanto, essas migrantes internas e transnacionais – muitas vezes racializadas, marginalizadas e consideradas descartáveis – são essenciais para a efetivação das práticas de parentalidade soberana que conectam a vida familiar e doméstica às tendências culturais e espaciais do bairro e às formas de participação cívica entre as elites liberais.

Parenting Empires (2020) permite incursões interdisciplinares interessantes e que também deixam caminhos exploratórios a serem prescrutados de maneira ainda mais vertical, em seus limites e possibilidades, especialmente em relação aos modelos comparativos que tem a etnografia como suporte metodológico. Por outro lado, podemos também balizar os referenciais tomados para a construção desses “impérios parentais” ou “impérios morais”, que para a autora estão centralizados nos Estados Unidos e que, de alguma maneira, não explicitam outros norte-globais de grande influência, como é o caso do continente europeu para o Brasil, o que permitiria, portanto, confrontos com outros impérios parentais e mesmo com a própria narrativa comparativa que a autora desenvolveu. As escalas entre os territórios de Porto Rico, uma ilha, e o Brasil em sua dimensão continental, admitem abstrações que podem acarretar leituras restritas, o que fica mais notório em relação à diversidade de práticas religiosas no Brasil e sua crescente adesão ao neopentecostalismo. Portanto, o recorte amostral escolhido pela autora demonstra sua plena consciência sobre as vicissitudes em relação à construção narrativa comparativa.

Todavia, deve-se ressaltar que os dispositivos heurísticos cotejados na obra de Ramos-Zayas, especialmente por meio do manejo das categorias de impérios parentais, economia moral, subjetividades de austeridade, privilégios e de branquitude, são de grande valia. Seus efeitos podem ser sentidos não somente no manejo conceitual, mas também nas leituras de mundo dessa complexa contemporaneidade, marcada por tempos acelerados, lugares desterritorializados pela mediação tecnológica e com socializações restritas, no qual o conservadorismo tem se ampliado em encontrado terreno fértil. O livro se conforma como uma forte crítica às práticas parentais atuais que, intencionalmente ou não, solidificam a desigualdade social e as hierarquias em nível global, nacional e local.

Referências bibliográficas

- GALEANO, Eduardo. 1971. *Las venas abiertas de América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- RAMOS-ZAYAS, Ana Yolanda. 2003. *National Performances: Class, Race, and Space in Puerto Rican Chicago*. Chicago: The University of Chicago Press.
- RAMOS-ZAYAS, Ana Yolanda. 2020. *Parenting Empires: class, whiteness, and the moral economy of privilege in Latin America*. Durham; London: Duke University Press.
- RAMOS-ZAYAS, Ana Yolanda. 2012. *Street Therapists: affect, race, and neoliberal personhood in Latino Newark*. Chicago: The University of Chicago Press.

sobre as resenhistas Luana Carla Martins Campos Akinruli

Doutora em Antropologia, mestra em História e licenciada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Realiza estágio pós-doutoral no Laboratório de História do Tempo Presente da mesma instituição.

Samuel Ayobami Akinruli

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais com estágio doutoral no GRIPIC/CELSA Sorbonne Université (Paris 4 – França).

Contribuição de Autoria: A autora e o autor desta resenha foram responsáveis pela leitura, sistematização das informações e escrita do texto.

Financiamento: A produção da resenha não foi financiada com recursos públicos. O acesso à obra foi viabilizado pela parceria com entre a Cadernos de Campo e a Duke University Press por meio de acordo de doação de arquivo digital.

Recebido em 05/10/2021

Aceito para publicação em 08/12/2021